



PIBIC/CNPq/UFCEG-2009

LEITURA NA UNIVERSIDADE: Representações e práticas de estudantes e professores do Curso de Pedagogia do CFP/UFCEG

Marianne Cibelle G. de Oliveira¹; Dorgival Gonçalves Fernandes²

RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo as representações e práticas de leitura de estudantes do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Para a sua concretização utilizamos uma amostra de 50 alunos, dividida entre alunos dos períodos diurno e noturno que se encontram no início, no meio e no final do curso. Como objetivo buscou-se conhecer, analisar e compreender as representações e práticas de leitura desses estudantes universitários. Metodologicamente se orienta na perspectiva da pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista na modalidade semi estruturada. Teoricamente se fundamenta em estudos sobre representações sociais, universidade e leitura.

Palavras-chave: Leitura, práticas de leitura, estudantes universitários.

ABSTRACT

READING AT UNIVERSITY: Representations and practices of CFP/UFCEG - Pedagogy students and teachers

The present work aims at studying Pedagogy students' representations and practices of reading. The research was accomplished at Centro de Formação de Professores – Universidade Federal de Campina Grande. To concretize it a 50 students sample was employed, divided into daytime and nocturnal students, distributed in different course progress stages: beginning, middle and end-of-course. The objective of the investigation was to be acquainted with, analyze and comprehend the representations and practices of reading of such university students. The work is methodologically oriented on a qualitative research perspective, equipped with data collection to a semi-structured interview modality. We are theoretically based on social representation, university and reading studies.

KEYWORDS: reading, reading practices, university students.

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 2003 e 2006 realizamos estudos sobre a escola pública e o processo de escolarização de jovens pertencentes às camadas populares. De início, desenvolvemos pesquisas focando a questão dos jovens estudantes de escola pública e o vestibular. Tais pesquisas revelaram para nós a importância que assume a problemática acerca da leitura, pois a quantidade e a qualidade de práticas de leitura dos estudantes se sobressairam como fator fundamental na preparação ou despreparação destes para

¹ Aluna do Curso de Pedagogia. Universidade Federal de Campina Grande. Unidade Acadêmica de Educação./CFP, Cajazeiras, PB. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: mairycibelly@msn.com

² Pedagogo. Professor, Doutor. Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Unidade Acadêmica de Educação. Cajazeiras, PB. E-mail: dorgefernandes@yahoo.com.br

enfrentarem o vestibular. A partir de 2006, nos debruçamos sobre a questão da leitura, estudando as representações e as práticas de leitura de jovens estudantes do Ensino Médio de escola pública.

Foi-nos possível perceber, então, que os estudantes pesquisados têm uma representação positiva da leitura, acompanhando certo discurso veiculado pela escola e pela mídia em geral que assevera as benesses da leitura. Desse modo a leitura é algo bom, que favorece a aquisição de informações, conhecimentos e certas habilidades valorizadas socialmente, tais como: falar bem, saber se expressar de modo correto utilizando-se uma linguagem adequada, etc. Todavia, estes estudantes não se reconhecem como bons leitores, admitindo ter uma prática um tanto precarizada de leitura que redunde em pouca habilidade e capacidade nesta atividade. Em muitos casos esses estudantes assumem um sentimento de culpa por lerem muitas “besteiras” ao invés de lerem coisas sérias, tais como livros e jornais. Entre os pesquisados, muitos se classificam como leitores “bestas”, “lesos”, pois perdem muito tempo lendo coisas bestas, lesas, tais como: horóscopo, revistas de fofoca, gibis, etc.

Esses dados apreendidos nessas pesquisas nos levaram a seguinte indagação: há transformações significativas nas representações e nas práticas de leitura desses estudantes ao ingressarem no Ensino Superior? Tal indagação se justifica no fato de que a vida de estudos na universidade coloca a exigência de mudanças na atitude estudantil assumida na Educação Básica para melhor se adequar às características do processo de ensino-aprendizagem na universidade (SEVERINO, 1991). Essa mudança deve ocorrer no sentido em que a vida acadêmica demanda do estudante universitário uma carga considerável de leitura e de habilidade para a compreensão e interpretação de textos teóricos, condição necessária para a construção da autonomia intelectual do estudante. Daí deriva outra indagação: Se há essa mudança, como ela se operacionaliza? Se não há tal mudança, onde se assenta a incapacidade do ensino universitário em operacionalizar junto ao seu alunado a aquisição de hábitos e habilidades de leitura condizentes com as necessidades e características do Ensino Superior? Ou seja, onde e como falha a universidade na atividade de formação leitora dos seus estudantes?

Assim, resolvemos nos dedicar à investigação acerca dos sentidos e das práticas de leitura de estudantes universitários, detendo-nos, inicialmente, no Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, buscando perceber se há mudanças nos sentidos atribuídos à leitura e nas práticas desses estudantes ao ingressarem no ensino superior.

1 – A Construção do objeto pesquisado: o problema, a justificativa e os objetivos

A leitura tem se configurado como problemática no âmbito do Ensino Superior. Nas nossas vivências docentes nas disciplinas História da Educação, Metodologia Científica e Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação no Curso de Pedagogia, temos constatado o *déficit* e as dificuldades de leitura dos nossos estudantes. A prática docente universitária e a formação acadêmica dos estudantes, em certo sentido, têm sido prejudicadas devido às dificuldades de leitura apresentadas pela maioria dos nossos alunos. Este quadro é mais efetivo nas disciplinas Metodologia Científica e Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação que, dadas as suas especificidades, demandam dos estudantes capacidades de leitura e de escrita sistemáticas e objetivas, apreensão e criticidade dos conteúdos lidos. Na realização de tais atividades percebe-se que, muitas vezes, o aluno sequer conseguiu realizar um processo satisfatório de alfabetização, evidenciando falta de conhecimento quanto ao emprego de pontuação no ato de ler e escrever, gaguejamentos exacerbados e dificuldades de codificar e decodificar a palavra impressa, o que lhe traz dificuldades para entender, articular, pensar e escrever sobre idéias postas em um texto.

Essas dificuldades dos alunos de cursos superiores têm sido ressaltadas por diversos autores, tais como Dauster (2006) e Ramires (2006). Estudos realizados por Candau demonstram que

Independente de suas origens econômicas, sociais e culturais, cada vez mais, aumenta na universidade o número de jovens que apresentam defasagens/deficiências em relação ao que [os professores] denominam habilidades acadêmicas - capacidade de leitura crítica, de argumentação, de produção de textos, de domínio de outros idiomas, entre outras habilidades, necessárias para atender a um perfil pré-definido e ideal. (CANDAU apud DAUSTER, 2006, p. 420).

Neste caso, a apreensão crítica do que se lê e a produção de idéias acerca do texto lido ficam efetivamente comprometidas, dificultando a apreensão da cultura acadêmica e a construção de uma formação universitária eficaz. Assim, esse estudo se configurou como uma maneira de se conhecer melhor os sentidos e as práticas de leitura na universidade, visando uma intervenção nessa situação para melhorá-la, pois a leitura atrela-se à vida escolar, sendo construída como habilidade e como processo no ato mesmo de ensino, e assim sendo, a realização dessa pesquisa constitui-se em contribuição ao ensino universitário na busca pela sua validação e qualificação no que tange a uma formação em nível superior.

A leitura é considerada um bem cultural que se constitui, também, como um bem social, devendo assim ser compartilhado por todos os indivíduos, configurando-se como um instrumento de construção e de exercício de cidadania. Essa é a idéia que faz parte de certo tipo de liberalismo que fundamentou a construção dos sistemas públicos de educação moderna entre os séculos XVII e XVIII na Europa (SAVIANI, 1983), e que alimenta a idéia de escola moderna ainda em vigor na contemporaneidade. Assim sendo, a escola tornou-se um *locus* privilegiado no processo de socialização dos bens culturais produzidos ao longo do tempo pela humanidade entre as novas gerações infanto-juvenis e foi convertida socialmente como responsável pelo ensino-aprendizagem do exercício da leitura. Ou seja, historicamente a escola tem sido colocada como o principal espaço institucional na qual, de modo intencional e organizado, se desenvolve o ensino das habilidades básicas para a leitura (alfabetização) e para as práticas sociais de leitura (letramento) (SOARES, 2004), constituindo-se em importante instrumento de formação e socialização dos indivíduos.

No caso do Brasil, todavia, a escola tem sido efetivamente elitista. Em seus primórdios, à escola instalada pelos jesuítas estava negado o acesso dos pobres, escravos, indígenas, mulheres e primogênitos (ROMANELLI, 1991). Nos dias atuais, mesmo tendo sido garantido o acesso da população à escola, haja vista que 95% da população em idade escolar se encontra matriculada em alguma escola (GHIRALDELLI JR., 2006), ainda não foi garantido o acesso de todos ao saberes escolares, ficando assim excluída desses saberes parte das camadas populares.

Levando-se em consideração as afirmações acima e entendendo a prática da leitura enquanto processo permanente de construção de saber/habilidade que se aprende de modo intencional na escola nos seus diversos graus e níveis, é oportuno indagar: como tem se dado a aprendizagem desse saber entre os estudantes universitários? Se o exercício da escolarização é um ato elitista que classifica, separa e distingue indivíduos, a prática da leitura na universidade também tem sido trabalhada nesta perspectiva? Neste sentido, perguntamos: Como esses estudantes representam a leitura? O que esses estudantes lêem na universidade? Como lêem? Com que objetivos lêem?

A sociedade contemporânea tem sido caracterizada como sociedade letrada, grafocêntrica, sociedade do conhecimento, sociedade globalizada, sociedade tecnológica, demandando qualificações, competências e habilidades, tais como: ser flexível, saber trabalhar em grupo, desenvolver capacidade de aprender a aprender e a conviver com o novo, com situações-problema, etc. As características desta sociedade, portanto, imprimem aos sujeitos necessidades fundamentais de comunicação que se estruturam, se fundamentam e se satisfazem a partir da habilidade e da prática da leitura. Desse modo, a leitura configura-se, numa perspectiva pragmática, como uma habilidade e uma prática necessárias para o seu estar no mundo, para a sobrevivência a ser diariamente conquistada e para a operacionalização mesma da vida cotidiana: fazer compras no supermercado, pegar ônibus, ler cartas e e-mails, se informar, trabalhar, etc. Na universidade, as habilidades para a leitura constituem uma situação *sine qua non* para a operacionalização da vida acadêmica no que tange à formação em nível de graduação e de pós-graduação (ensino), a produção de conhecimentos (pesquisa) e a disseminação do conhecimento produzido (extensão).

Quanto ao trabalho humano que nos dias atuais, em grande parte, é realizado com o auxílio de artefatos tecnológicos, a lida com esses artefatos, a exemplo do computador, se realiza obrigatoriamente com a mediação da leitura, conforme assinala Leite (2001). E ainda que muito desses recursos tecnológicos substituam diversas atividades humanas, como acontece nas sociedades altamente tecnologicadas, afirmam Kleiman e Moraes (1999, p. 90) que essas sociedades “precisam de indivíduos que possam continuar o processo de aprendizagem independentemente, e, para isso o cidadão precisa ler”.

Até mesmo no lazer mais acessível para as camadas populares, que é assistir televisão, a leitura se impõe como uma necessidade complementar. É isso que informa Martins (1984) ao relatar um caso em que uma senhora dizia assistir televisão, mas entender pouco ou nada do que assistia, devido a sua falta de habilidade para ler.

No sentido amplo e complexo que assume a formação humana, do homem que se faz homem a partir de sua inserção no mundo e na construção e reconstrução do mundo, ou como diz Freire (1987) “estar no mundo e estar com o mundo”, a leitura é fator de suma importância, haja vista que a leitura do mundo, ainda que para constituir sentido, preceda a leitura da palavra, essas duas modalidades de leitura se complementam, se auxiliam, uma prescinde da outra. É isto o que Freire assinala (op.cit, p. 22) ao dizer que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”.

Partindo-se deste entendimento, podemos evidenciar que a leitura tem um papel fundamental na existência humana, pois colabora na construção dos sentidos que podemos atribuir à própria vida, ou seja, “assumir a condição de leitor – ativa por excelência – é, portanto, liberar em nós mesmos a capacidade de atribuir sentido aos textos, como aos gestos e à vida” (LEITE e MARQUES, 1986, p.40). Nessa perspectiva, a leitura também se faz um elemento importante na construção mesma da vida humana quando entendida como um procedimento de apropriação do real e de qualificação da relação do homem com o seu real (ZILBERMAN, 1986, p.17). Afirma ainda essa autora que

Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. (...) Se ler qualifica, pois, toda relação

com o real, percebe-se que esta ação se expressa pela elaboração de um código, o qual, por sua vez, manifesta o domínio que o homem exerce (ou que deseja exercer) sobre sua circunstância.

Neste caso, considerando-se que através da leitura o homem se relaciona com o seu real e dele se assenhora ao construí-lo e reconstruí-lo, a leitura é um instrumento de representação do mundo, e enquanto tal, o homem também se representa naquilo que representa (MOSCOVICI, 1978). Assim, a leitura se faz objeto de representação e de prática por parte dos homens. Tal constatação constitui o primeiro fato que justifica o estudo sobre as práticas de leitura. O segundo fato se pauta na constatação de que a escola está em crise, e enquanto tal, a leitura como atividade intrínseca à escola também está em crise. Apesar da importância fundamental que a leitura assume nos dias atuais para a vida cotidiana e para a vida escolar a escola tem demonstrado não conseguir formar leitores competentes e/ou empreender no âmbito escolar práticas satisfatórias de leitura. Assim, apesar de escolarizar seus alunos, não desenvolve com estes as habilidades e competências em leitura.

Os dados levantados pelo INAF – Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional - (2006), tem comprovado tais afirmações. De acordo com este indicador, a população brasileira com idade entre 15 e 64 anos, quanto à capacidade de leitura, apresenta-se da seguinte maneira:

a) “26% são plenamente alfabetizados, estando na condição de leitor pleno, isto é, têm capacidade de ler textos longos, orientando-se por subtítulos, localizando mais de uma informação, de acordo com condições estabelecidas, relacionando partes de um texto, comparando dois textos, realizando inferências e sínteses.

b) “30% estão no nível de alfabetismo rudimentar, ou seja, conseguem ler títulos ou frases, tendo capacidade para localizar informações explícitas em textos muito curtos.

c) “Outros 38% dos brasileiros estão no Nível Básico de alfabetismo. Estes conseguem ler um texto curto, localizando uma informação explícita ou que exija uma pequena inferência. Nesse nível, 60% das pessoas têm ao menos o ensino médio completo.

d) “7% são analfabetos, não conseguem realizar tarefas simples que envolvem decodificação de palavras e frases”.

Deste quadro de informação, o que nos chama a atenção e corrobora a afirmativa sobre a crise da escola e a crise da leitura é que um grande contingente de pessoas com no mínimo 11 anos de escolarização se encontra no nível básico de leitura, quando o desejado era que a escola, nesses muitos anos de escolarização, os tivesse formado leitores plenos e competentes.

Esta crise da escola e da leitura desemboca na universidade. Conforme já assinalado, a vida acadêmica se configura e se estrutura de modo principal através da produção e disseminação do conhecimento por meio do texto escrito, o que vem a requer dos sujeitos em processo de formação habilidades devidamente construídas em leitura. Neste sentido a deficiência da escola na efetivação dessas habilidades constitui-se em problemática para a formação universitária. Neste caso, nos indagamos:

a) Em que sentido os estudantes universitários reconhecem as suas dificuldades de leitura?

b) Ao ingressarem na universidade, como procuram superar tais dificuldades?

c) Como a universidade lida com tais dificuldades por parte dos seus alunos?

d) Como as práticas docentes na universidade operacionalizam entre os discentes a formação leitora?

Considerando-se o descompasso entre a importância e a necessidade da leitura na universidade, as práticas que se tem efetivado da leitura e a construção de competências para tal prática no fazer e na formação acadêmica é que acreditamos ser este estudo uma importante contribuição ao entendimento do problema da crise da leitura na universidade.

Em nossas atividades como professor e pesquisador da área educacional a questão da leitura tem estado implicada como problema, seja constatando a deficiência de leitura dos meus alunos, seja colhendo discursos dos próprios jovens que apontam suas dificuldades com a leitura, seja de colegas professores salientando a carência e a deficiência de leitura dos seus alunos na escola e na universidade.

Sendo assim, o nosso interesse sobre a questão da leitura se justifica a partir de duas questões básicas. Em primeiro lugar, pela carga de importância que tem a leitura na vida escolar dos estudantes e na sua formação enquanto pessoa e sujeitos sociais. Assim, a leitura se configura num tema importante em suas vidas, passando a demandar por parte desses estudantes algum tipo de investimento, seja em relação ao tempo dedicado à leitura, seja em relação à compra de livros e revistas ou outros suportes de leitura. Tais investimentos, quando possível ou desejável, passam a se constituir em expectativas, esperanças, projetos de futuro: ser um cidadão culto, instruído, preparado, participativo e autônomo, um profissional competente com condições de ingresso e permanência no competitivo mercado de trabalho. Desse modo, o estudo acerca da leitura, buscando-se compreender as suas representações e práticas entre os jovens estudantes universitários, também se faz uma questão importante, haja vista a importância e a problemática que afigura a leitura numa sociedade letrada e tecnologizada como a nossa, principalmente no âmbito da vida universitária.

Em segundo lugar, destacamos que no campo de estudos sobre a juventude, e mais especificamente sobre a juventude universitária, o tema leitura não tem sido efetivamente explorado, deixando-se muitas

perguntas a serem respondidas. Essa temática tem sido mais explorada no tocante às crianças e tem sido enfocada mais na perspectiva da alfabetização do que na do letramento. Aqui buscamos analisar a questão da leitura numa imbricação das duas perspectivas: alfabetização (domínio nos processos de decodificação do código escrito) e letramento (prática social da leitura no processo de desvelamento e construção do mundo social). Acreditamos, assim, estar contribuindo com este estudo para ampliar a discussão acerca de um importante tema relacionado às questões educacionais, produzindo conhecimento sobre o jovem estudante universitário e sobre a universidade.

O objetivo geral colocado para este trabalho foi conhecer, analisar e compreender as representações e as práticas de leitura efetivadas por jovens estudantes universitários que cursam Pedagogia no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Para atingir tal objetivo, elegemos os seguintes objetivos específicos:

- Perceber o lugar que a leitura ocupa na sua vida universitária e na vida cotidiana desses estudantes universitários;
- Identificar como se deu o seu processo de alfabetização e de letramento (como esses sujeitos têm se constituído leitores);
- Compreender os objetivos e os modos de praticar a leitura;
- Diagnosticar as suas atuais condições objetivas e subjetivas de leitura;
- Identificar o tempo e o tipo de leitura desses sujeitos;
- Entender como pedagogicamente são trabalhadas as atividades de leitura direcionadas à formação acadêmica na sala de aula da universidade.

2 – Encaminhamentos teóricos e metodológicos

A fundamentação teórica pertinente a este estudo se encaminhou em três direções:

1) estudos acerca da educação escolar, pautando-nos nos escritos de Ghiraldelli Junior (1991), Otaiza Romanelli (1991) e Demerval Saviani (1983);

2) compreensão conceitual da teoria das representações sociais, centrando-nos na abordagem psicossociológica, com ênfase no estudo de Serge Moscovici (1978) e Celso Pereira de Sá (1998);

3) aprofundamento teórico sobre a leitura, a partir do estudo das idéias de Geraldi (1990), Martins (1991), Zilberman (1986) e Soares (2004).

Este estudo, de natureza exploratória, descritiva e analítica, foi realizado na perspectiva da pesquisa qualitativa, com estudantes do Curso de Pedagogia do CFP/UFCG, campus de Cajazeiras – PB, que se encontravam cursando entre o segundo e o último período do referido curso. Para tanto, através de sorteio simples realizado a partir da relação de nomes dos estudantes, de acordo com os critérios acima elencados constituímos uma amostra de 50 alunos, divididos entre os turnos matutino e noturno, correspondendo a 22 estudantes do turno da manhã e 28 pertencentes ao turno da noite, sendo que 15 se encontravam no início do curso, 21 no meio e 14 no final do curso.

O instrumento adotado para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada individual. Assim, realizamos 50 entrevistas, a partir de um roteiro flexível de questões relacionadas ao objeto e aos objetivos de estudo. Essas foram gravadas em K7 com a autorização prévia dos entrevistados, sendo realizadas nas dependências do Centro de Formação de Professores, no turno em que esses alunos estudam.

Os dados coletados por meio de entrevistas foram processados na perspectiva qualitativa, a partir de instrumentais de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1979), por meio da associação de duas técnicas de Análise de Conteúdo: análise temática e análise de enunciação.

Sobre a análise temática, Bardin (1979, p.106) afirma que

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são freqüentemente, analisadas tendo o tema por base.

Quanto à análise de enunciação, podemos afirmar que diferentemente da análise temática, que entende o discurso como um dado, a análise de enunciação entende o discurso como processo. Assim, funciona desviando-se das estruturas formais do discurso e em busca de elementos relevantes na configuração de sentidos que a fala vai revelando e escondendo, ou seja, os elementos que indicam conflitos subjacentes ligados às contradições entre os elementos manifestos e os elementos latentes do discurso (ANDRADE,

1999, p.151). Entre esses elementos, destacam-se as seguintes figuras lingüísticas: recorrências, co-ocorrências, disjunção de pessoa, tempo, lugar, os ilogismos; as figuras paralingüísticas: risos, pausas, silêncios, gaguejamentos, lapsos.

Assim, para realizarmos as análises dos dados, fizemos inicialmente uma leitura espontânea das entrevistas que se constituiu na pré-análise dos dados. Em seguida montamos uma grelha com os temas evidenciados pelos entrevistados e finalizamos com uma leitura vertical dos textos das entrevistas para analisarmos os modos de enunciação dos discursos.

3 – Os resultados

Para as análises aqui empreendidas, de início, procuramos investigar a história leitora dos estudantes do curso de Pedagogia através de uma linha de períodos de escolarização, focalizando desde o início do Ensino Fundamental até a sua inserção na Universidade. Colhemos informações relacionadas à estrutura familiar e sua influência na formação leitora antes da entrada desses sujeitos no Ensino Superior. Posteriormente, os questionamos sobre o seu conceito de leitura, a representação da leitura após a sua chegada à Universidade, as leituras realizadas na academia, as dificuldades encontradas mediante os textos teóricos, a contribuição dada nesta instituição à sua formação leitora, o incentivo dos professores, o tempo estabelecido por estes jovens para a leitura e a sua auto-avaliação enquanto leitor. Além dessas questões, perguntamos-lhes sobre as exigências do curso de Pedagogia no tocante aos modos de ler e à quantidade de leitura.

Para melhor compreender as suas representações e práticas de leitura, elaboramos uma breve caracterização dos sujeitos pesquisados. Observamos que o alunado do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande é heterogêneo. Em sua grande maioria são estudantes provenientes de cidades circunvizinhas a Cajazeiras, estudaram em escolas públicas, pertencem às camadas populares, e em seu período de escolarização básica como também na graduação tem acesso restrito a certos bens culturais importantes para a formação leitora, tais como: cinema, teatro, videolocadora e biblioteca municipal, etc.

Tais características implicam em dificuldades para a formação leitora, pois como assinala Martins (2006, p.18)

Quando, desde cedo, veem-se carentes de convívio humano ou com relações sociais restritas, quando suas condições de sobrevivência material e cultural são precárias, restando também suas expectativas, as pessoas tendem a ter sua aptidão para ler igualmente constringida.

Percebe-se assim que as condições de acesso a bens culturais vivenciadas de acordo com o meio social e familiar do indivíduo refletem em sua vida de leitor. Assim sendo, os discursos empreendidos pelos estudantes pesquisados demonstram suas dificuldades de leitura ao ingressar na universidade, haja vista que esta requer uma atitude leitora mais crítica, problematizadora e ativa perante os textos teóricos, bem como uma carga de leitura mais ampla, situação não vivenciada por estes nos momentos anteriores à sua formação universitária. Assim, na universidade a assimilação passiva de conteúdos deve ser abandonada, é necessário que o indivíduo muna-se de material específico à sua área, desenvolva-se, refletindo a sua prática estudantil, calcada não no cumprimento mecânico de tarefas (SEVERINO, 1991, p. 22) e sim na constante busca de conhecer, ser sabedor, modificador, edificador de um mundo mais justo e democrático, onde todos façam uso consciente de seu pensamento e de sua voz. Neste caso, tem-se a leitura como a aliada mestra para está formação política.

Logo, são muitas as dificuldades que esses sujeitos precisam enfrentar e contornar para desenvolver habilidades e competências requeridas e assim alcançar resultados eficazes no transcórre do curso universitário. Neste caso, a leitura é a ponte para a formação integral do sujeito (MARTINS, 2006, p. 25), sendo que “a condição de leitor é requisito indispensável à ascensão a novos graus de uma trajetória bem sucedida, cujo ponto de chegada e culminância são a realização pessoal e econômica”. (SILVA, 1998, p.14)

É notável por parte de alguns a insegurança e a timidez quando falam de leitura, já que determinados sujeitos a utilizavam e não a utilizam com freqüência, mesmo agora na universidade. Em seus discursos informam não dispor de tempo para a leitura, alegando diversos motivos e findam por atribuir à leitura um sentido de obrigatoriedade para a realização dos exames avaliativos feitos na academia.

Contudo, embora reconheçam o interesse dos professores em incentivar a leitura e mostrar novas referências, o despertar para a importância, a necessidade e o prazer pela leitura ainda não aconteceu para um grupo considerável de estudantes. Nesta perspectiva, como afirma Severino (1991, p. 21), “é preciso que o estudante se conscientize de que doravante o resultado do processo depende fundamentalmente dele mesmo”. Anotamos, ainda, que o discurso evocado por estes quando falam na exigência da leitura no curso de Pedagogia é unânime em afirmá-lo, mas esta exigência não tem contribuído, em certos casos, para a organização de horários de leitura, compra de livros e buscas por outros suportes textuais, pois ainda é limitada a sua aquisição, pois as condições financeiras convertem-se em dificuldades para este fim.

Neste sentido, a maioria dos entrevistados, quanto as suas práticas de leitura, faz uma autoavaliação mediana, não qualificando-se como ótimos ou péssimos leitores. Neste caso, alguns sujeitos se atribuem características e notas inferiores ao status de bom leitor. Isto se deve ao fato de lerem pouco sob a alegação de que não gostam de ler e expressam insatisfação com esta situação, fazem autocrítica e afirmam precisar melhorar.

O que é leitura: sentidos e conceituações.

Os estudantes pesquisados apresentam diversidade quanto ao conceito e ao significado atribuído à leitura. Para alguns, o conceito de leitura não é algo definitivo, e sim, modificável. É o que demonstram alguns dos entrevistados. A concepção de leitura para eles foi se modificando de acordo com o seu envolvimento com o curso e o seu amadurecimento intelectual. Há mesmo a alegação de que a aprendizagem da leitura se deu a partir do ingresso na universidade. Nesse caso, a leitura significa algo além da mera decodificação de símbolos gráficos, isto é, ler tem um sentido crítico e construtivo que extrapola a mera leitura mecânica de grafemas e fonemas.

Leitura é tudo, você só sabe, se você lê, você só tem conhecimento, se você lê, esse é o meu ponto de vista hoje. Até entrar aqui na universidade, eu pensava: ler para quê? Eu vou só estudar para as provas e pronto. Aprendi a ler depois que entrei aqui na universidade! (Estudante do 6º período, noite)

Depois que eu consegui passar pelo ensino médio e chegar aqui à universidade, hoje eu tenho uma concepção de leitura mais ou menos diferente da que eu tinha anterior, que era apenas a decodificação dos símbolos. Hoje não, leitura para mim é decodificar os símbolos e também fazer uso social dessa leitura, ou seja, é ler e conseguir emitir alguma opinião, seja ela qual for, a favor ou contra, uma opinião crítica. (Estudante do 9º período, noite)

Quando eu cheguei aqui na Universidade que eu fui lendo, e fui interpretando, aí a leitura me possibilitou a conhecer mais, mais horizontes, a ter mais conhecimento, a adquirir mais conhecimento, leva você a ter uma liberdade. (Estudante do 7º período, manhã)

O estudante do 6º período destaca a universidade como impulsionadora na mudança de concepção e atitude em relação a uma nova postura leitora. Para os estudantes do 9º e 7º períodos, ler é dar sentido e fazer uso consciente do que está sendo lido, de forma ativa, questionadora e cidadã, e não com pragmatismo, onde o leitor é apenas um decodificador de palavras e reproduzidor de idéias. Destacam também a contribuição dada pela universidade à sua formação leitora. Percebe-se assim que a universidade contribuiu para a superação da concepção de leitura que estes haviam construído na Educação Básica, ampliando os seus usos e suas finalidades.

Os estudantes abaixo mostram ter um ponto de vista semelhante, entendendo a leitura enquanto prática social construtora, pois veem a leitura como elemento interpretativo e construtivo, assumindo a leitura na perspectiva do letramento. Leitura assume o sentido de compreensão, de sentimento e tem uma objetividade que não se encerra em si mesmo. Neste caso a leitura serve para refletir sobre as coisas e os fatos que estão ao seu redor e assim emitir juízos de valor para se situar no tempo e na história. A leitura neste caso deixa de ter um sentido estático e assume um sentido problematizador.

Leitura eu acho que é compreender! Acho que é compreender a palavra, lê e você não compreende, você não sente, eu acho que você lê quando você entende, compreende, quando você se emociona, entendeu? Ler não tá só em eu pegar esse papel e ler novembro, lê está em eu entender que novembro é o mês e que a gente tá passando por esse mês. (Estudante do 5º período, manhã)

Leitura é o que nós lemos e entendemos, ou seja, não adianta eu ler, pronto, ali acabou. Não! A leitura vai além, a leitura é compreensão do que esta sendo lido e a partir dessa compreensão, refletir, haver a reflexão e a crítica sobre ela. (Estudante do 9º período, noite)

Leitura pra mim é você compreender o que você está lendo, porque muita gente lê. O professor da Universidade passa: "gente leia o texto", aí você vai lá, lê, mas você não compreendeu. Então você não leu! Ler é você compreender e você fazer uma reflexão a partir do seu ponto de vista, você concordar ou discordar do autor, eu acredito que seja isso. (Estudante do 9º período, noite)

A seguir, os estudantes mostram a importância da leitura para a vida social e política dos sujeitos, sendo significativamente observada como algo primordial para o desenvolvimento racional e emocional dos indivíduos. Neste caso a leitura colabora para a construção de um conceito positivo do sujeito leitor, já que socialmente ser um não-leitor pode se converter em motivo de vergonha. Neste caso deve-se optar por diversos gêneros textuais, pois essa diversidade é essencial para uma formação crítica e construtiva. Para isto é necessário que o estudante receba estímulos. Estes devem ser dados desde os anos iniciais de escolarização, como destaca o estudante do 5º período.

A leitura eu acho que é um ponto muito importante, acho que através da leitura a pessoa consegue se conceituar mais sobre o que você está falando ou o modo como você está falando, se está falando correto, se não tá falando e dependendo do que você está lendo. Livros, se é interessante ou não, você vai se baseando também perante a sociedade. Jornais, é bom você estar atualizado também, ler revistas, os assuntos mais da mídia. (Estudante do 4º período, noite)

Leitura eu acho que é assim, o ser humano sem saber ler não é nada, porque eu digo por mim, todo mundo ria de mim porque eu não sabia ler e depois que eu aprendi a ler eu me sentia, eu me achava, eu acho que é de extrema importância, porque é através do que a pessoa lê, da leitura, a gente consegue escrever melhor, se relacionar mais, e tem mais assunto, entende sobre as coisas, coisas que a gente é, através da leitura a gente busca mais. A leitura é indispensável, mas quando é estimulada, quando é estimulada desde o início, porque eu acho que não tem como uma pessoa que chega aqui, ela nunca tenha sido incentivada a ler desde o início da alfabetização pra quando chegar na universidade lê, é muito difícil, precisa ter o estímulo desde o início para quando chegar aqui já ter uma base para poder entender melhor, porque tem textos que a gente lê, como de Paulo Freire é assim, eu acho muito complicado. (Estudante do 5º período, manhã)

Os estudantes abaixo mostram idéias confusas sobre o que seja leitura, não apresentando em seu discurso um conteúdo organizado que explicita um conceito estruturado e definido sobre o que seja leitura. O estudante do 3º período afirma que leitura é um processo indispensável para a vida dos estudantes, sendo propulsora de conhecimento. Aproveita e ressalta a sua necessidade em ler mais, explicitando assim uma concepção de si mesma enquanto leitora forjada na negatividade. Ambas são universitárias que leem pouco, derivando disso as suas não habilidades com as palavras escritas e com suas próprias conceituações do que seja leitura.

Leitura eu acho que é o que todo mundo deve assim, é, é. (pausa) Leitura eu acho que é um processo que você tem que ter, todo estudante deveria ter, leitura é um processo de formação que todo estudante principalmente deveria ter leitura para aprimorar os conhecimentos, que você só aprimora os seus conhecimentos através da leitura, se você não tiver leitura, é isso que eu to tendo dificuldade agora, por causa da leitura, que eu não tenho essa pratica na leitura, aí eu to tendo dificuldade, eu acho que é isso, é uma pratica que todo mundo deve ter, ler todo dia pelo menos um pouquinho, e aí vai se tornando um vicio que você vai se adaptando a leitura. (Estudante do 3º período, noite)

Leitura é... (silêncio) tudo o que você vê, você pode ler e retratar, algo que possa formar um texto e diante do texto, aquilo que você tá vendo, aquilo é uma leitura, às vezes você olha assim para uma pessoa, você descreve a história daquela pessoa, né isso? Você não pode olhar para uma pessoa e escrever a história daquela pessoa? Você não tá lendo? Você tá lendo, você tá contextualizando, por mais que seja as vezes assim, é (silêncio) por exemplo: elaborar questões diante daquele texto você teve que lê, primeiramente você leu, leitura é tudo, sem leitura você não poderá desenvolver nem um, né? (Estudante do 9º período, noite)

A questão da leitura após a inserção do indivíduo na universidade

A vida de estudos na universidade coloca a exigência de mudança na atitude estudantil assumida na Educação Básica e a atitude que devem assumir mediante as características do processo de aprendizagem na universidade (SEVRINO, 1991). Essa mudança deve ocorrer no sentido em que a vida acadêmica demanda do estudante universitário uma carga considerável de leitura e de habilidade para a compreensão

e interpretação de textos teóricos, condição necessária para a construção da sua autonomia intelectual e criticidade mediante o que lê.

Nesta perspectiva, os entrevistados abaixo demonstram ser oriundos de um processo deficiente de leitura, enfatizam suas frustrações por não terem se dedicado mais a leitura em outros tempos e destacam também o incentivo proporcionado pelos professores na universidade que têm impulsionado uma ação leitora presente e ativa.

Ainda nesta perspectiva, o segundo ressalta a dificuldade do entendimento e concentração perante os textos e a aula. Assim, justifica que é por conta da falta de tempo para, pois seu tempo é dividido entre estudo e trabalho.

Como um aspecto fundamental principalmente se tratando de um curso de formação de professores, porque, a pouca leitura que tinha me prejudicou, como não tinha o hábito para a leitura, certo? Acabou prejudicando meu desempenho, mas quando eu comecei a trabalhar, quando eu comecei a ter um incentivo dos professores aqui na universidade eu comecei a ver a leitura com um outro olhar, como um olhar essencial para a formação. (Estudante do 9º período, noite)

Eu vi que eu teria que ler muito, para entender. Por conta do curso da gente eu acho que é essencial a leitura, para você entender, porque se você não lê você não consegue se concentrar na aula, não consegue acompanhar os outros alunos, nem tão pouco os professores, se você não lê você fica assim perdida, né? é tanto é que dia de trabalho sinto dificuldade porque não tenho tempo para ler. (Estudante do 4º período, noite)

Eu vi a questão mais aqui, a leitura que eu tinha era menos rigorosa. Aqui não, eu tenho uma leitura mais rigorosa e que faz com que eu busque mais, que interprete mais o que eu tô lendo. Que só aquela leiturinha que eu fazia, “ah, entendi, pronto.” Deixava pra lá. Não, aqui eu tenho que tá buscando, tenho que procurar mais livros, tenho que tá lendo direto pra mim tá atualizada. (Estudante do 3º período, manhã)

Prosseguindo, os próximos estudantes entrevistados também comentam as suas dificuldades ao adentrarem no curso. Sentem-se frustrados, pois se depararam com práticas diferentes, nas quais, muitos eram habituados a pouca leitura, eram leitores passivos, assimiladores e reprodutores de idéias. Assim, essa prática estudantil do passado te refletido no presente e tende a acompanhá-los no futuro, caso não mudem a sua postura. Dessa forma a apreensão crítica do que se lê e a produção de idéias poderá ficar efetivamente comprometidas, dificultando a apreensão da cultura acadêmica e a construção de uma formação universitária eficaz

Tenho, ora se não tenho. A gente pega certos textos de certos professores que eu digo assim, meu Deus! Que a gente lê a primeira vez e não entende nada, por conta da, da, escrita dos textos. (Estudante do 6º período, noite)

Agora eu to tendo dificuldade porque eu não tenho essa pratica, porque não leio, eu me relaxei muito e não procurei me estimular isso em mim, por isso que eu to tendo essa dificuldade. (Estudante do 3º período, noite)

Verifica-se no discurso seguinte a mudança ocasionada em sua prática de leitura, quando de sua inserção na academia, e a dúvida que se assenta em sua cabeça quanto ao curso que realmente desejam. Isso provém da sua experiência recente em sala de aula, sendo que esta dúvida está prejudicando a sua formação leitora, pois se não fazem o curso desejado, não investem em sua formação. A leitura para esse jovem está tendo um sentido mais utilitário que propriamente transformador e edificador da aprendizagem, ou seja, vai se fazendo as tarefas demandadas de modo mecanizado.

Trouxe mudança. E eu passei a ler mais ainda. Só que agora eu confesso, estou lendo menos, acho que eu estou desestimulada, porque não sei realmente se é esse curso que eu quero. Tava dizendo a professora que estou cheia de interrogação. Tô tendo experiência com o trabalho. Tá mostrando como é difícil trabalhar em sala de aula tem que ter todo um preparo em relação ao psicológico mesmo e aí eu colocava que estava cheia de dúvidas, e não sabia! Essa minha relação com a leitura pode esta ligado a isso. Muitas vezes eu leio sem querer, leio por que vou precisar daquele assunto em uma prova, eu vou precisar

entender tal coisa, não porque eu quero compreender aquilo. (Estudante do 5º período, manhã)

Incentivo do curso e dos professores para a ação leitora

A academia requer dos seus estudantes entrosamento, envolvimento e uma boa performance com as leituras, principalmente em se falando de um curso de formação de professores. Os textos teóricos oportunizados durante o curso, em muitos casos, são de difícil interpretação, e neste caso os estudantes precisam ter uma maior atenção para a sua compreensão.

Neste sentido, muitos jovens se veem incapazes de adentrarem nos textos, compreendê-los e interpretá-los, e assim, têm duas opções a seguirem: fracassar, desistindo do curso, ou modificar sua ação leitora, buscando apoio e se dedicando a superar as suas deficiências. Os que optam pela última alternativa precisam rever positivamente suas concepções de leitura e adentrar no mundo do conhecimento através das letras, pois a comunicação na universidade se dá efetiva e prioritariamente por meio de textos escritos.

Os estudantes entrevistados alegam ter modificado a sua concepção e prática de leitura ao adentrarem na universidade, pois sinalizam que sofreram influência do curso e dos professores que o impulsionaram a uma atitude oposta ao tradicionalismo vivenciado por eles no Ensino Fundamental e Médio.

Ah, eu vim aprender a ler quando eu entrei aqui, como eu já lhe disse, se eu não tivesse entrado na universidade eu acho que eu estava na mesma, sem ler e sem gostar de ler. (Estudante 6º período, noite)

Tá contribuindo assim, na responsabilidade, de leitura, quando tem um trabalho, assim eu sempre procuro lê o máximo para eu entender, procuro outras apostilas, livros para vê se eu entendo sobre o assunto. (Estudante do 3º período, manhã)

Essa questão de ler, quando a gente lia no Ensino Médio, em todo canto, em escola pública principalmente, que você não tem aquela leitura, você não lê para depois compreender, você só lê para dizer assim, ah, eu li, tá bom! Depois pra voltar pra ler, pra entender aquele texto, fazer uma interpretação daquele texto, aí a gente não tinha essas atividades, aí ficou muito difícil quando a gente entra aqui, né? E vê, e os professores pedem, fazem essa exigência da gente aí fica muito difícil, mas mesmo assim quando eu entrei aqui eu tive, eu fiquei consciente que teria que ter leitura para desenvolver os trabalhos universitários. (Estudante do 3º período, manhã)

Tem contribuído e muito, já recebi até muitas críticas, que dizem assim, que eu mudei e que eu não penso mais como eu pensava, que eu quero ir além do que eu posso ir, isso na minha família, diz que eu tô querendo ir longe demais, mas, pra frente é que se anda. (Estudante do 5º período)

A universidade favoreceu a esse estudante do 5º período uma mudança significativa em sua vida, pois se tem notado por parte dos seus familiares que este tem assumido concepções e atitudes diferentes das que tinha antes.

O estudante abaixo também ressalta a influência do curso e dos professores para a sua formação leitora. Afirma este que na universidade lhe proporcionaram uma visão diferenciada de leitura, a partir da qual passou a vê-la como algo bom que favorece a aquisição de informações, conhecimentos e certas habilidades valorizadas socialmente, tais como: falar bem, saber se expressar corretamente e adquirir uma linguagem adequada, etc. Antes, não se reconhecia como um bom leitor, admitindo ter uma prática um tanto precarizada de leitura que redundava em pouca habilidade e capacidade nesta atividade.

Ela contribuiu tanto com o incentivo dos professores e também, com é, é, a necessidade de obter conhecimento, quando eu cheguei aqui eu tinha uma visão de que a leitura era apenas para você fazer uma prova, fazer um trabalho e pronto, mas aí não, hoje eu estou desenvolvido e vejo que a necessidade da leitura é constante para você aprender mais, para você conseguir escrever melhor, para você conseguir ter um melhor vocabulário, e nisso a universidade foi essencial para mim. (Estudante do 9º período, noite)

O próximo discurso informa sobre o incentivo dado pelos professores para a sua desenvoltura enquanto leitor e ressalta conscientemente que para ter uma boa formação precisa buscar diversificar as suas leituras e ler mais.

Através do incentivo que os professores sempre têm dando pra gente, “procurem ler livros” pra ir se aperfeiçoando, conhecendo melhor e porque, aqui mesmo, assim, pra gente ter uma boa formação a gente tem que procurar cada vez mais melhorar e procurar novas leituras. (Estudante do 6º período, noite)

Assim, não no intuito de chegar e passar o cronograma inteiro para o período, “quero tal texto lido para a próxima aula”. Isso é uma maneira de incentivar os alunos a fazer aquela leitura, para no dia seguinte não precisar tá lendo e sim discutindo, para não tá perdendo tempo. A partir do momento que você lê o texto antes de vir para a sala de aula, quando chegar ali na sala, você vai tirar só as dúvidas, isso daí já faz com que a gente não perca tempo. Tá aprendendo cada vez mais e já tem alguns que não marcam, não, “leiam tal texto para a próxima aula.” Ali vai ler na hora que chega, vai lendo e explicando tópico por tópico. Eu particularmente não gosto, os professores que usam essa metodologia. E isso nós sabemos que acontece aqui, né? Existem os professores que estimulam, e ao mesmo tempo têm uns que deixam os alunos desestimulados, porque eu já tive professores dessa forma. (Estudante do 7º período, manhã)

O estudante acima tem uma representação positiva de alguns professores e negativa de outros. O mesmo mostra-nos sua insatisfação com a prática de alguns docentes, vendo-os como apenas cumpridores de horários e não como impulsionadores de uma atitude positiva de formação para a leitura.

Já o estudante seguinte fala sobre a liberdade do aluno para escolher o que é bom ou não para a sua formação e sobre o professor como espelho de sua personalidade, refletindo na ação educativa com seus alunos o que ele é, a sua satisfação em desenvolver o seu trabalho e se este faz o que gosta, ele não desiste do indivíduo, quer que este dê o melhor de si.

Tem muitos professores, aquele professor que quer mesmo que o aluno seja, é, uma pessoa crítica do seu conhecimento, que ele é realizado com o seu trabalho, ele quer também, ele exige que o aluno também busque dar o de melhor na sala de aula. Tem muitos professores até que deixa aberto, “a porta está aberta, se não quiser eu não vou botar falta!” Isso significa dizer o quê? Que o aluno questione o que é que realmente ele quer, que não atrapalhe. Eu acho o seguinte: que se aqui tem toda a liberdade, o aluno deveria se preocupar mais com o que ele está realizando. (Estudante do 7º período, manhã)

As práticas de leitura dos estudantes universitários: tempo e organização.

As práticas de leitura dos universitários sofrem influência do meio onde vivem, sendo assim, nas entrevistas pudemos constatar que esses indivíduos possuem um grau notável de deficiência. Logo se percebe que são provindos das classes populares, filhos de pais analfabetos ou semi-analfabetos e que devido a essas condições não tiveram na infância e na adolescência. Estímulos para tornarem-se bons leitores.

Esta afirmação se justifica devido ao discurso empregado por eles, no qual alguns dizem que trabalham, que têm dificuldades na leitura, principalmente, em sua compreensão, e isto o induz a ter a convicção de que foram criados em um ambiente de cultura leitora pobre, onde o acesso às letras se dava apenas na escola e para a escola.

Se dissesse a você que eu tenho um tempo determinado, eu estaria mentindo. Há dias que eu não leio, há dias que eu leio mais de 1 hora, todos os dias não tenho...(Estudante do 5º período, manhã)

Eu leio mais assim quando eu estou com vontade de ler, se me der vontade de estudar, eu posso estudar que eu vou aprender, agora se disser assim, tem uma prova e você tem que ler tal livro, se eu não tiver com vontade de ler naquele momento, de estudar eu não consigo obter nenhum conhecimento, fica só uma leitura de codificação mesmo. (Estudante do 5º período, manhã)

Sinceramente eu não tenho muito tempo porque eu sou casada e ensino à tarde e o tempo é muito pouco por causa de outros compromissos e eu fico tentando encaixar o tempo. (Estudante do 3º período, manhã)

As falas acima apresentadas demonstram o desapego desses jovens em relação à leitura, tratando-a como algo pragmático e irrelevante quanto a sua formação humana e profissional. A atenção a ela é

descomprometida, destinando a esta um tempo incerto e reduzido. Alguns se esmeram em desculpas, apontando barreiras para a não leitura.

Eu tiro pelo menos uma hora para ler, mesmo que não seja algo da universidade, mas leio coisas do mundo, assim, pela internet. (Estudante do 7º período, manhã)

Bem, é, eu tenho um horário de estudo estabelecido, de tal hora a tal hora eu leio determinado conteúdo, geralmente, três, três horas e meia para cada disciplina. No caso da faculdade, eu sento três horas para cada disciplina, uma análise assim, né? Revisando o que o professor deu e pegando outros textos, né? Se der para eu adiantar uma leitura do professor, por exemplo, ele tá passando determinado texto, ele concluiu hoje e o próximo texto ele ainda vai iniciar, eu começo a leitura do próximo texto que ele ainda não iniciou. (Estudante do 3º período, manhã)

Outros, como demonstram as entrevistadas acima têm uma organização para a leitura. A do 7º período dirige sua atenção não apenas aos conteúdos relacionados à sua formação acadêmica. Utiliza também a internet como ferramenta para se manter informada do que está acontecendo no mundo. Já a estudante do 3º período vê a importância de se aprofundar nos temas dados em sala de aula e mostra o seu interesse em ler os textos em casa antes da exposição do professor.

Não tenho organização não (risos), é na hora que tiver tempo, mas é normalmente à tarde. (Estudante do 4º período, noite)

Mulher, é assim, eu trabalho, tô terminando o curso, né? É complicado, mas tô tentando. Não tem um horário, hoje, todos os dias eu vou estudar de uma a duas horas, não tem esse horário não. Mas aí, no trabalho, aqui na Universidade, quando fico sem fazer nada, então eu vou lá na biblioteca ler. (Estudante do 9º período)

Eu leio quando eu tenho tempo. Eu não vou dizer: "Aí tal hora eu vou ler", não! Quando eu vejo que tá o momento que eu não tô fazendo nada. Então, é o momento de eu ler, no meu caso que eu tô fazendo essa monografia, eu pego o livro vou ler, vou grifar, mas estabelecer tal tempo, não. (Estudante do 9º período, noite)

É, ainda não tenho essa organização bem definida, eu leio quando eu estou assim, não tenho os meus afazeres do dia-a-dia, quando eu não tenho o que fazer ou quando eu sinto assim a vontade de procurar uma coisa nova sabe? Aí eu vou e começo a ler. (Estudante do 6º período, noite)

Concluímos nestes casos que a organização do tempo e da atividade em si para a leitura é envolvida por uma ação desprendida de compromisso efetivo. A leitura, neste caso, não tem um lugar efetivo na vida de alguns desses universitários, esta é colocada em segundo plano, tem a função de reserva de atividade para as horas de ociosidade, ou seja, a leitura é para as horas vagas.

Neste caso, mesmo a universidade tentando imprimir junto aos alunos uma carga e um tempo de leitura, impondo uma nova postura para esses estudantes, modificando e acentuando o espaço, tempo e organização, não consegue concertar os erros do passado quanto à disciplina requerida para uma aprendizagem significativa que demanda leitura sistemática.

Logo, tem-se constatado a responsabilidade da universidade em promover uma ação transformadora e eficaz, não só para o estudante que está tendo a oportunidade de apreensão do saber no presente, mas para as gerações que irão passar pelas mãos destes universitários no futuro quando estiverem desempenhando a função docente. Assim entendemos que esta instituição de Ensino Superior precisa rever as suas práticas quanto à leitura que demandam dos estudantes para assegurar uma formação profissional pertinente às demandas do tempo presente e futuro.

CONCLUSÕES

Através deste estudo pudemos constatar como tem se dado a relação dos estudantes do Curso de Pedagogia com a leitura, a partir da qual constroem suas representações, práticas e anseios. Neste sentido, mesmo sendo positivas as representações sobre a leitura, as práticas, em muitos casos, não correspondem a tal representação.

A maioria dos estudantes apresenta anseios por uma instrumentalização otimizada favorecida pela universidade para se tornarem leitores efetivos e competentes, apreendendo uma boa formação leitora. Animamo-nos em ver que embora as dificuldades no tocante à leitura e à interpretação dos textos sejam explicitadas quando de sua inserção na universidade, a grande maioria dos estudantes pesquisados tenta contorná-las de modo a se efetivar na condição de acadêmicos.

Todavia, no percurso desta pesquisa pudemos constatar que existe no Curso de Pedagogia do CFP uma minoria de estudantes que apresenta um grau de desinteresse pela leitura dos textos demandados pelo curso, apresentando objeção quanto a sua prática, referindo-se às demandas quantitativas e qualitativas apresentadas pela universidade. Tais demandas não condizem com a cultura de leitura apreendida nos graus de ensino anteriores ao seu ingresso no Ensino Superior.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela concessão da bolsa de Iniciação Científica e ao meu orientador, Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes, pelos conhecimentos e incentivos repassados a mim durante esse período.

4 – REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

COSTA, M. V. (Org.) *O Currículo nos Limiares do Contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

DAUSTER, Tânia. *MUNDO ACADÊMICO*: professores universitários, práticas de leituras e escrita e diversidade social. In: SILVA, Aida M. Monteiro et al. *Novas Subjetividades, currículos, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social*. Recife: ENDIPE, 2006.

FREIRE, Paulo. *A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER*: em três artigos que se completam. 18ª ed., São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

FURLAN, Vera I. O Estudo de textos teóricos. In: CARVALHO, Maria Cecília M. de. *Construindo o saber - Metodologia científica*: Fundamentos e técnicas. 5ª ed., Campinas, S.P.: Papyrus, 1995, 119-128

GHIRALDELLI Jr., Paulo. *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. INAF: Indicador Nacional de Alfabetismo: leitura e escrita. Disponível em http://www.ipm.org.br/an_ind_inaf_5.php?in=5, em 28/06/2006.

KLEIMAN, Ângela B. & MORAES, Sílvia E. *Leitura e Interdisciplinaridade*: tecendo redes nos projetos de escola. Campinas: Mercado de letras, 1999.

LEITE, Lígia C. Moraes. A circulação de textos na escola 2. In: CITELLI, Adilson (coord.) *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema, TV, rádio, jogos e informática*. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2001.

. _____ & MARQUES, Regina M. Hubner. Ao pé do texto na sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina (Orgª.) *LEITURA EM CRISE NA ESCOLA*: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986

MANGUEL, Alberto. *UMA HISTÓRIA DA LEITURA*. Tradução Pedro Maia Soares. 2ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Lúcia. *O QUE É LEITURA*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgas.). *LITERATURA E LETRAMENTO*: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE/ Fae/UFMG, 2003.

SÁ, Celso Pereira de. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1983.
SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 17 ed. rev. – São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *LEITURA NA ESCOLA E NA BIBLIOTECA*. 10ª Ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. (Org.). *LEITURA: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

SOARES, Magda. *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas*. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, nº 25, jan - abril./2004.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: ZILBERMAN, Regina (Orgª.) *LEITURA EM CRISE NA ESCOLA: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.